Discurso de C. Studart

Fizestes de mim, eminentes confrades, Sócio Benemérito do Instituto do Ceará.

Quanta generosidade!

Ausente de Fortaleza, por motivos ponderosos, recebi, no Rio, a notícia desse vosso ato magnânimo e, ao recebê-la, senti-me como alguém que, havendo galgado as encostas enflorestadas e sombrias de um monte, se encontrasse, de súbito, envolto e obumbrado pela claridade radiosa de um sol magnífico, esbraseando com o fulgor de seus raios os longes do horizonte.

E essa luz — a um tempo símbolo e fruto de vosso gesto magnânimo — se não teve, para mim, o mesmo significado do resplendor misterioso que, descendo do alto, feriu Saulo na estrada de Damasco, abrindo-lhe a aurora de uma nova vida e dele fazendo um santo e o filósofo, por excelência, do Cristianismo nascente, nem me levou a reformular a opinião que sempre tive a respeito de vós, de vossa impecável maneira de proceder, mais arraigou, em meu coração, a gratíssima certeza de que esta Casa, a Casa do Barão de Studart, além de congregar intelectuais do mais elevado padrão cultural — humanistas, pensadores, cientistas e pesquisadores de largo tirocínio — é uma sociedade de conforme a feliz expressão de Victor Hugo, que tão bem se adequada homens munificentes e nobres, "tous frères plus encore que confrères", ao nosso sodalício.

Sócio Benemérito do Instituto do Ceará! Que fiz eu, afinal, para merecer tão insigne distinção? E esta pergunta angustiante, já tantas vezes formulada em ocasiões análogas quando tenho tido a honra de ser galardoado com prêmios ou láureas, mais uma vez permanece sem resposta plausível.

No afã muito natural de solucionar o obsidente enigma, caminho em imaginação ao arrepio do tempo, revejo a longa estrada percorrida desde 1928 — ano em que ingressei neste augusto cenáculo graças à liberalidade de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, do Barão de Studart, de Antônio Augusto de Vasconcelos e de outros vultos exponenciais das letras pátrias — e nada encontro capaz de justificar a grandeza de vossa benevolência.

Tenho dado, é certo, ao Instituto do Ceará, nestes últimos anos, o melhor de minhas atividades intelectuais.

Muito venho lutando e lutarei sempre para que ele mais e mais se alce, brilhe e conquiste a posição de merecida evidencia entre agremiações sábias de idênticas finalidades.

Sirvo-o, não apenas "com o devotamento quase irritante" a que aludiu certa vez Manuel Eduardo Campos — esse pacatubano galhardo, cujo talento lhe tem proporcionado tantas vitórias no meio intelectual e sócio-econômico do país — mas, igualmente e sobretudo, com a veneração que soem merecer as instituições como a nossa, réplica feliz nos dias atuais, dos areópagos, arcádias e academias que floriram os áureos tempos de Hélade Gloriosa.

Nesta minha atitude de entusiástica dedicação ao Instituto, nenhum motivo encontro, porém, para veneras, títulos ou galardões.

Servindo-o, cumpro apenas uma obrigação ou, antes, um dever cívico imperativo: o dever que se impõe a todo cearense responsável, de trabalhar pela sobrevivência da cultura nesta terra, onde os pragmatis-

tas enxameiam e o imediatismo domina e a tudo sobrepuja, terra em que se não fora o advento da Universidade, da Universidade de Martins Filho e de Fernando Leite, vívida colméia e sementeira úbere de novos e brilhantes valores mentais, e a ajuda que ela vem prestando às sociedades de letras, de ciências e de arte e, mais recentemente, o estímulo que recebe do Governador Plácido Castelo, através da Secretaria de Cultura, a cuja frente se encontra um dos nossos mais ilustres consócios, o prof. Raimundo Girão, desde muito teria, a nossa pouca favorecida cultura, desaparecido, sepultada no álgido indiferentismo dos responsáveis por determinados setores dos poderes públicos ou ferida de morte pela malquerença de criaturas incapazes de compreender as nobres coisas do espírito.

Não me cabe, ademais, a primazia entre os obreiros da grandeza atual do nosso Instituto; outros consócios bem mais o tem servido e poderiam, assim, reivindicar, com maior direito, o nobilitante título que me foi outorgado e que recebi cheio de entusiasmo e reconhecimento.

A minha benemerência, a pobre benemerência que me reconheço, malgrado tudo que de laudativo benevolamente disse de mim Mestre Amorim Sobreira, única que seríeis capazes de descobrir em mim e que foi, por certo, aquela que tivestes em vista premiar, é o ser eu um homem do passado, que, acreditando firmemente nos alcandorados destinos da criatura, clama, reage, batalha e protesta contra tudo aquilo que ameace compuscar-lhe a espiritualidade ou atente contra a genuidade de seus princípios morais ou tenha em mira subverter as normas sociais vigentes no Brasil.

Sou alguém — e prezo-me em proclamá-lo — que não conhece temores nem desfalecimentos, quando se faz necessário combater os partidistas do imoralismo nietzschiano que, entre nós, tanto vicejam, e apontar à execração pública os pornógrafos que, nos domínios das artes e das letras, reinam como soberano, abastardando impunemente os padrões éticos e estéticos da nossa gente.

Sou um cidadão, e digo-o com ufania, que não se arreceia de profligar a conduta desses falsos líderes, católicos ou não, que, fingindo ceder aos caritéis do povo e aos apelos da pátria supostamente ameaçada de escravização por aqueles a quem encoimam de reacionários, atendem realmente às injunções dos próprios interesses ou aos imperativos da vaidade; súcia de egotistas, muitos dos quais se crêem iluminados e, assim, se presumem feitos para o mister de reformar os nossos costumes e salvar a nação, apontando-lhe os verdadeiros caminhos; eles que não passam de embuçados agentes da subversão a serviço de credos políticos alienígenas.

Sou um brasileiro que se julga não apenas no dever de verberar o hedonismo suicida que, de um modo geral, corrompe e domina a mente de nossos patrícios desacautelados, mas igualmente na obrigação de por embargos a essa filosofia panglossiana de morro, expressa na sentença canalha: "trabalhar, eu não, eu não...", sentença tantas vezes repetida em sambas e canções e que concretiza, de certa maneira, o ideal do populacho.

Desse modo procedo porque, com Miguel Frederico Sciacca, filósofo italiano, entendo que as grandes obras e as grandes renovações são sempre frutos do sofrimento, do valor, do trabalho e da pertinácia e porque a nossa pátria não deve continuar a ser considerada apenas o país do Carnaval e, muito menos, a nação que não pode ser levada a sério, conforme ousou dizer esse heróico, enigmático e quixotesco De Gaulle que há pouco penetrou na imortalidade.

Classifiquei de pobre a minha benemerência e o fiz porque aqui, nesta casa do saber e de trabalho, integrando-a, abrilhantando-a, gloriando-a, varões existem que, mais bem aparelhados do que eu, maiores vitórias tem alcançado em edificantes e árduas pelejas contra os males do século.

Espíritos superiores que, nas justas pela grandeza sempre maior da terra nativa, e sobrevivência da moral avoenga, não temem a "coroa de espinhos" que pesa, como uma ameaça, sobre a cabeça dos homens desassombrados, ativos, empreendedores e fortes, quando se fazem agentes propagandistas ou arautos de idéias generosas, coroa aliás, glorificadora como a que ornou a fronte do Crucificado, naquele dia memorável em que Ele se deixou imolar pela eterna salvação das criaturas. E não a temem porque sabem "que um dia, uma hora ou um momento só de heroismo vale mais do que um Século de prudência ou de virtude trivial" e que Platão dizia a verdade quando tal afirmou.

Paladinos do bom combate pelo decôro público e, ainda, apóstolos estrênuos da caridade, — nomeadamente esse abnegado Luís Sucupira, cujas atividades benfazejas nos amplos domínios da Assistência Social, todos admiramos — eles fazem jus, mais do que eu, à reverencia geral.

Aludindo a homens que sobranceam as contingências dos dias atuais, falando de pessoas que são verdadeiros eleitos da Providência para o nobilitante encargo de defender o bom nome da cultura nacional, a crença dos antepassados e os princípios éticos que sempre nos regeram, impossível esquecer Mozart Soriano Aderaldo, a quem aqui rendo as homenagens de minha grande estima e expresso, neste instante os meus comovidos agradecimentos.

Faço-o, com a maior efusão, porque é, na realidade, a ele, à sua interferência que, pela segunda vez, devo as honras de uma láurea.

Culto, desataviado até dessas pequenas vaidades que parecem inerir à personalidade dos literatos em geral, polígrafo e polimata, mas, sobretudo católico de fé inabalável, ele jamais se arreceou de defender a ortodoxia católica e enfrentar os inimigos disfarçados da Igreja, ainda quando ostentam vestes talares. Forte em suas convicções filosóficas, religiosas e morais, é ele, sem dúvida, entre leigos e ao lado de Lincoln Mourão de Matos, Ananias Arruda e Heitor Albuquerque, um dos grandes campeões da catolicidade em terras cearenses. Mas fiquemos por aqui. Longa, monótona, cansativa vai esta confissão, que é feita, como deveria sê-lo: clara, sincera, sem rebuços, sem sub-intenções veladas. Só assim, deixando que falassem por mim, a consciência e o coração, poderíeis aquilatar o quanto vos sou reconhecido por mais este laurel que me concedestes.

Obrigado, pois, Senhores do Instituto do Ceará.

Muito de coração agradeço, ainda, ao Professor Sobreira de Amorim, varão nobre, de valor e de saber, de ideal e de lutas, e sempre apressurado em servir aos interêsses da pátria e da cultura, o ter aceito, malgrado os encargos e preocupações de seu grave ministério de professor e pró-reitor da nossa Universidade, saudar-me neste solene momento. Grato lhe sou igualmente pelas referencias benévolas que fez a meu respeito, intentando, assim, exalçar a valia de meus limitados méritos.

Fiel à sua predestinação de mestre, sempre terso, incisivo, arrebatado e brilhante, e aos ditames de sua imensa bondade, ele nos deu a sábia, comovente e pomposa oração, que todos ouvimos com respeito e que tanto me sensibilizou.

Muito obrigado.